



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CAMPUS DE SOBRAL
CURSO DE PSICOLOGIA

BRENDA ROGRIGUES FREIRE

***PRESENÇA DE ANITTA: CONCEPÇÕES SOBRE EMPODERAMENTO E
LIBERDADE SEXUAL COMO FORMA DE RESISTÊNCIA FEMINISTA NAS
LETRAS DE ANITTA***

SOBRAL
2017

BRENDA ROGRIGUES FREIRE

***PRESENÇA DE ANITTA: CONCEPÇÕES SOBRE EMPODERAMENTO E
LIBERDADE SEXUAL COMO FORMA DE RESISTÊNCIA FEMINISTA NAS
LETRAS DE ANITTA***

Monografia apresentada ao curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará, *Campus* de Sobral, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Francisca Denise Silva do Nascimento

SOBRAL

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

F933p Freire, Brenda Rofrigues.
Presença de Anitta: Concepções sobre Empoderamento e Liberdade Sexual como forma de resistência
feminista nas letras de Anitta / Brenda Rofrigues Freire. – 2017.
50 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Campus de Sobral,
Curso de Psicologia, Sobral, 2017.

Orientação: Profa. Dra. Francisca Denise Silva do Nascimento.

1. Movimento Feminista. 2. Liberdade Sexual. 3. Músicas. I. Título.

CDD 150

BRENDA ROGRIGUES FREIRE

PRESENÇA DE ANITTA: CONCEPÇÕES SOBRE EMPODERAMENTO E
LIBERDADE SEXUAL COMO FORMA DE RESISTÊNCIA FEMINISTA NAS LETRAS
DE ANITTA

Monografia apresentada ao curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará, Campus de Sobral, como requisito parcial para a obtenção do título de graduação em Psicologia.

Aprovada em: __/__/____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Francisca Denise Silva do Nascimento (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Camilla Araújo Lopes Vieira
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Gracymara Mesquita Severiano
Especialista em Gestão de Pessoas (Faculdade Darcy Ribeiro)

A Deus, pela vida, por tudo que sou e sei.

Aos meus pais Geniso e Jaqueline por todo o amor, cuidado e dedicação ao longo de toda a minha vida.

Aos meus avós Nivaldo e Estela (*in memoriam*) por todo o afeto que me coube.

AGRADECIMENTOS

A Deus pela vida, por Ser em minha vida, por tudo fazer em minha história, pelo sustento, pelas bênçãos derramadas, pela companhia diária, pela força, pela providência e por todos os presentes, sobretudo os humanos, emprestados para essa vida.

Aos meus pais, Geniso e Jaqueline, por todo o amor incondicional, pelo investimento, compreensão, amizade e cuidado. Por me acompanharem por toda essa vida, apostando em meus sonhos e sonhando junto comigo. Por se alegrarem com as minhas vitórias e conquistas. Por todos os perdões dados e por me estenderem a mão nas quedas e momentos de dor. Pelas renúncias a si para me tornar o que sou e me proporcionar o que tenho e por todos os ensinamentos. Com o meu mais profundo e sincero amor e gratidão.

Às minhas irmãs, Bruna e Thais, pela vida e história divididas e pelos sonhos e conquistas compartilhados. Por me proporcionarem a oportunidade primeira de compartilhar tudo o que de melhor a mim foi dado, pelo amor, amizade e companheirismo. Pelas colisões que me fizeram crescer e pelos perdões trocados incansáveis vezes e por me fazer ter a certeza de que minha história será para sempre cultivada e guardada em seus corações e memórias.

Ao meu padrasto Elano, pelo apoio, incentivo e cuidado. Com carinho e gratidão.

Aos meus avós Francisco Paulo (Chico do Beto) e Rozimar, dos quais muito me orgulho e pelos quais também me motivo a seguir adiante, pelo incentivo, pelo carinho e pela força que me fizeram chegar até aqui.

À minha orientadora Denise, pelo ser humano que é e pelos seres humanos que forma. Por seus ensinamentos que se dão para além dos conteúdos teóricos repassados. Por compartilhar sua história conosco e por ser engrenagem que move nossos sonhos. Por nos ensinar a ver o mundo de forma crítica e por não permitir que os que com ela convivem se conformem com as injustiças e opressões sociais. Por ensinar amor e com amor. Pela aposta, pela compreensão, pela paciência, pela disponibilidade e pelas sábias palavras.

As minhas queridas amigas Clévia, Débora e Ranimara por se fazerem presente diariamente nesses cinco anos de caminhada, compartilhando os regalos e dissabores da graduação e da vida e por me abraçarem, sobretudo com os ouvidos, em todos os momentos que precisei a elas recorrer.

Ao meu amigo Rafael, que há pouco se foi tão jovem e bruscamente, deixando o enorme e inexplicável vazio de sua falta.

Aos meus queridos amigos Daniele, Júnior e Rita por se fazerem minha família por tantos anos, pela oportunidade de com eles conviver, pela força e pelos sábios conselhos.

Aos meus colegas e companhias de tantas horas Andressa, Bruna, Célia, Déborah, Joelma, Joyce, Raimundo, Sandro e Ulyane por me acompanharem nos estudos, nos almoços, nos passeios e nas conversas diárias e demoradas.

Aos meus amigos e locadores Aurinéa, Fernando e Mardônio pelo carinho, cuidado e atenção. Aos meus amigos e colaboradores Antônio, Dimas, Maiara, Rejane e Valdete pelas conversas, pelos sorrisos, por compartilharem comigo suas histórias, pelos almoços no Restaurante Universitário, pelas risadas, pelas caronas no ônibus da faculdade.

Aos meus queridos e estimados professores Achilles, Camilla e Nara, que marcaram de modo tão singular minha trajetória acadêmica, com os quais tanto aprendi e tanto dividi momentos, histórias e aprendizados. Pelo carinho correspondido, pelas apostas, pela confiança, pela troca de saberes e pelas oportunidades a mim conferidas.

Às professoras Camilla e Gracymara, pela gentileza em aceitarem o convite para compor a banca, pela honra que sinto em poder dividir a concretização deste trabalho e pelas contribuições com que me presentearam.

“Ninguém nasce mulher: torna-se mulher.”

(Simone de Beauvoir).

RESUMO

O presente trabalho consiste em um estudo qualitativo, acerca das concepções de mulher e do comportamento feminino a partir do conteúdo das letras musicais da cantora e compositora Anitta. Dessa forma, este estudo tem como objetivo principal analisar as concepções de mulher apresentadas nas letras da compositora brasileira Anitta. Também objetivamos: identificar concepções de mulher e comportamento feminino apresentadas nestas mesmas letras e; analisar os modos de resistência nas letras musicais da compositora Anitta amparadas pelo Feminismo Radical. Como referencial bibliográfico, realizamos um resgate histórico da teoria feminista, uma vez que esta ajuda-nos a compreender a construção do que é ser mulher ao longo dos séculos e de como determinadas manifestações artísticas podem subverter o lugar dado à mulher em nossa cultura. Em relação à metodologia, para a constituição do *corpus*, ouvimos todos os álbuns da autora e selecionamos, dentre as canções, as que mais tocavam na questão da liberdade sexual. Como técnica de coleta de dados e ferramenta de análise, utilizamo-nos da Análise de conteúdo, por considerarmos que esta nos possibilitaria compreender o conteúdo abordado a partir do seu contexto sócio-histórico. Como resultados, observamos que as atitudes e falas da figura de Anitta podem ser compreendidas como subversivas e contribuir para a conscientização da mulher no que tange à opressão fundada pelo patriarcalismo, além de se configurar como uma reivindicação de um lugar construído por elas mesmas enquanto sujeitos desejantes.

Palavras-chave: Mulher. Liberdade Sexual. Músicas. Movimento Feminista. Psicologia.

ABSTRACT

This work consists of a qualitative study, was carried out on the conceptions of woman and the feminine behavior from the content of the musical lyrics of the singer and composer Anitta. Thus, this study has as main objective to analyze the conceptions of woman presented in the lyrics of the Brazilian composer Anitta. We also aim to: identify conceptions of woman and female behavior presented in the lyrics of composer Anitta and; To perceive the historical conditions of production of the feminine and feminine understandings diffused by the analyzed songs. As a bibliographical reference, we carry out a historical rescue of the theory, since it helps us to understand the construction of what it is to be a woman through the centuries and how certain artistic manifestations can subvert the place given to women in our culture. For the selection of the songs to be analyzed, we listened to all the albums of the author and selected, among the songs, those that treated most the issue of sexual freedom. As a tool for analyzing and producing data, we use Content Analysis, more specifically Expression Analysis, because we consider that it would enable us to understand the content addressed from its socio-historical context. As results, we observed that the attitudes and speeches of the figure of Anitta can be understood as subversive and contribute to women's awareness regarding the oppression founded by patriarchy, besides being configured as a claim of a place built by them as desiring subjects.

Keywords: Woman. Music. Sexual Freedom. Feminism Movement. Psychology.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 METODOLOGIA.....	14
3 CONSTRUÇÃO SOCIAL DA MULHER.....	16
4 O SURGIMENTO DO MOVIMENTO FEMINISTA.....	23
5 VERTENTES DO MOVIMENTO FEMINISTA.....	26
6 ANÁLISE DAS LETRAS.....	34
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS.....	45
ANEXO A - LETRAS DAS MÚSICAS ANALISADAS.....	47

1 INTRODUÇÃO

Este estudo consiste em uma análise sobre as concepções de mulher e comportamento feminino, a partir do conteúdo das letras musicais da cantora e compositora Anitta. Para tanto, será necessária a recuperação histórica das contribuições de autores que tratam da construção social da mulher, bem como das teorias feministas, sobretudo do Feminismo Radical, embora não tenhamos a pretensão de esgotar o tema.

Utilizaremos, portanto, para a análise das músicas o Feminismo Radical, posto que essa vertente nos ajuda a compreender melhor a construção do que é ser mulher ao longo dos séculos e de como determinadas manifestações artísticas podem subverter o lugar dado à mulher em nossa cultura.

Dessa forma, este trabalho tem como objetivo principal analisar as concepções de mulher apresentadas nas letras da compositora brasileira Anitta. Assim, objetivamos especificamente: (a) identificar concepções de mulher e comportamento feminino apresentadas nas letras da compositora Anitta e (b) analisar os modos de resistência nas letras de música da compositora Anitta amparadas pelo Feminismo Radical.

Anitta, nome artístico de Larissa de Macedo Machado, foi escolhida por propagar em suas canções uma leitura sobre mulher, que pretendemos compreender mais a fundo, não a partir da sua história de vida, mas a partir das letras, construídas por ela mesma, na condição de compositora, apostando na sedução como sua marca principal.

Por esse motivo, a cantora está sempre no topo das paradas de sucesso e entre os holofotes da mídia por sua ousadia e irreverência, mas, sobretudo por apostar na sedução e sensualidade como sua marca principal, o que faz com que seja considerada um ícone por muitas garotas no Brasil, produzindo formas de subjetivação e construindo relações.

É necessário explicitarmos que o nome artístico adotado pela cantora faz referência a identificação desta com a protagonista Anita, interpretada pela atriz Mel Lisboa na minissérie global exibida em 2001 chamada *A Presença de Anita*, escrita por Manuel Carlos. Tal personagem era marcada pela irreverente sensualidade que contrastava com uma aparente ingenuidade, sendo também bastante destemida, provocante, e “senhora de seu destino”, tornando-se um ícone sexual da teledramaturgia brasileira, com a qual a cantora diz se assemelhar, daí a escolha do título deste trabalho.

Portanto, a pergunta que nos guia é: Que leitura de mulher é propagada nas letras da compositora Anitta? A fim de respondermos a essa pergunta, optamos por realizar uma pesquisa qualitativa, visando analisar como a mulher é apresentada nas letras da compositora

e compreendermos o que elas dizem sobre comportamento feminino. Para a compreensão das mensagens emitidas pelas músicas¹, foi utilizada a Análise de Conteúdo como ferramenta metodológica.

Este trabalho almeja trazer, como resultados, contribuições para os estudos que englobam teoria feminista, a partir da análise das concepções de mulher evidenciadas por essas canções, as quais são reproduzidas por meios de comunicação de massa e, conseqüentemente, por uma parcela do público feminino brasileiro. Estudos como este, cujo objeto se atém ao campo da cultura, almejam expandir as concepções de mulher que atravessam a esfera pública e que jazem no imaginário social, na perspectiva de trazer contribuições no que diz respeito ao processo de construção de novas leituras sobre mulher, enfatizando, assim, as relações desse processo com o contexto sócio-histórico.

É relevante dizer que esta pesquisa está diretamente associada à Psicologia, logo interessa também ao profissional psicólogo, haja vista que mulheres vêm sendo, ao longo de toda a história, cotidianamente subjugadas, subestimadas e oprimidas pela sociedade patriarcal, o que gera um sofrimento devastador, afetando, assim, as subjetividades. Em vista disso, a Psicologia é por nós conferida como palavra-chave, posto que este trabalho fora escrito e pensado por uma graduanda em Psicologia.

No próximo, e segundo, capítulo, trataremos da metodologia deste estudo, abordando a construção de nossa pesquisa qualitativa, cuja finalidade é perceber qual a leitura de mulher apresentada nas letras das músicas e conceitualizar comportamento feminino, visando estabelecer um diálogo com o Feminismo Radical. Detalharemos também nosso *corpus* e o modo como este fora analisado e categorizado com base na Análise de Conteúdo, de acordo com a técnica da Análise de Expressão.

No terceiro capítulo, que fala sobre a *Construção Social da Mulher*, abordaremos como a mulher vem sendo concebida, desde o período clássico com o nascimento da Filosofia, tradição cristã, período colonial no Brasil, idade moderna e contemporânea, até os dias atuais, levando em consideração fatos históricos e culturais.

No capítulo *O Surgimento do Movimento Feminista*, trataremos tanto das injustiças e explorações sofridas pelas mulheres ao longo da história quanto da participação ativa feminina e a conseqüente articulação das mulheres, bem como suas lutas na busca pela cidadania e pela equidade social. Nesse capítulo também falaremos sobre a inserção da mulher no mercado de trabalho e nos mais diversos setores sociais, além da constante

¹ As letras das músicas analisadas encontram-se disponíveis no Anexo A (p. 52).

militância política que visa romper com a segregação sexista e patriarcal, mostrando que estas também podem contribuir com a sociedade de forma científica, econômica, cultural e política.

No capítulo seguinte, apresentaremos as *Vertentes do Movimento Feminista*, abarcando o movimento de forma plural, isto é, atentaremos para os feminismos e suas distinções no contexto atual, haja vista que esse movimento não é singular nem tampouco homogêneo, já que não se dá por apenas um coletivo, mas por vários.

Por fim, no capítulo referente à *Análise das Letras* que compõem o *corpus* de nossa pesquisa, trataremos dos códigos extraídos dos recortes selecionados, os quais originaram as duas categorias que iremos trabalhar, isto é, *empoderamento feminino* e *liberdade sexual*.

2 METODOLOGIA

Para a concretização deste estudo, realizamos uma pesquisa qualitativa, posto que esta permite a incorporação tanto do significado quanto da intencionalidade intrínsecos às estruturas sociais (MINAYO, 2000). Tal estudo tem como intuito perceber o que é a mulher nas letras das músicas e conceitualizar comportamento feminino, visando estabelecer um diálogo com o Feminismo Radical.

Faz-se necessário dizer que o Feminismo Radical fora escolhido por defender a equidade social, econômica e política entre homens e mulheres, rompendo e militando contra toda e qualquer forma de discriminação, violência e exploração contra a mulher, questionando, assim, a hierarquia e a desigualdade social entre homens e mulheres.

Na busca por letras da compositora, a fim de analisarmos as concepções, leituras e apresentações de um determinado tipo de mulher, fizemos uso da ferramenta de busca virtual *Google*, por meio da qual é possível ter acesso a todos os álbuns, assim como todas as letras lançadas pela cantora, as quais serão instrumentos de nossa pesquisa, através de diversas páginas eletrônicas encontradas nesta ferramenta. Escolhemos analisar as letras da compositora por acreditarmos ser um material de domínio público, sendo, portanto, plausíveis de análise.

As músicas selecionadas para a constituição do *corpus* foram as seguintes: “*Bang*”, “*Cachorro Eu Tenho em Casa*”, “*Deixa Ele Sofrer*”, “*Eu Sou do Tipo*”, “*Menina Má*”, “*Meiga e Abusada*”, “*Não Para*”, “*Provocar*” e “*Show Completo*”, as quais foram escolhidas por falarem de uma mulher sedutora, “perigosa” e provocante e do modo como esta lida com os homens disposta a seduzi-los e dominá-los .

Quanto à análise do *corpus* da pesquisa, fizemos uso da Análise de Expressão, a qual se configura como sendo uma técnica da Análise de Conteúdo, metodologia esta que vem sendo bastante empregada na análise de comunicações, sobretudo nas ciências humanas e, especificamente, nas ciências sociais. Escolhemos empregar a Análise de Expressão por considerarmos que essa modalidade pode proporcionar um viés qualitativo do discurso apresentado, por buscar compreender estruturas semânticas, isto é, significantes, às estruturas sociológicas, ou seja, significados, na perspectiva de que existe uma correlação entre o tipo do discurso analisado e as particularidades do locutor e de seu contexto.

Na fase de pré-análise, as letras foram lidas, relidas e as selecionadas foram também transcritas, as quais constam na íntegra em forma de anexo neste trabalho. Após isso, os dados do *corpus* foram analisados e categorizados como palavras-chave, conforme sua

repetição ou relevância, levando em consideração as estruturas semânticas, significantes, e as estruturas sociológicas, significados. Para isto, após identificarmos as palavras-chave, agrupamos estas por categorias em que percebemos afinidades entre elas.

Importa frisar que, neste estudo, optamos pela exploração do potencial qualitativo da Análise de Expressão, posto que não nos limitamos apenas à frequência com a qual as expressões se apresentavam ou se repetiam, pelo contrário, atentamos mais para o contexto de sua apresentação. À vista disso, após a leitura e a releitura das composições transcritas na fase de pré-análise, elegemos as categorias que mais se destacavam, tanto pela frequência com que apareciam nas letras quanto pela importância de algumas categorias de análise para a compreensão do nosso objeto. Em vista disso, selecionamos as seguintes categorias de análise: *empoderamento feminino e liberdade sexual*. É necessário salientar ainda que algumas destas categorias já haviam sido estabelecidas desde a produção do material, visto que estão direta ou indiretamente relacionadas ao problema da pesquisa.

A fim de alcançarmos os objetivos propostos por este trabalho, isto é, analisar as concepções de mulher apresentadas nas letras de Anitta, é que se faz necessário perceber as condições históricas de produção das compreensões de mulher difundidas pelas canções, a fim de darmos início às análises.

3 CONSTRUÇÃO SOCIAL DA MULHER

Almejando chegar à análise de nosso material faremos um recorte da construção social da mulher, baseado em fatos históricos e culturais, e, de modo mais sucinto, do conceito freudiano de feminilidade, os quais precederam o nascimento do Movimento Feminista que será tratado posteriormente, considerando os impactos sociais que esse movimento de resistência proporcionou.

De acordo com Tedeschi (2012), no período clássico, a filosofia enquanto primeiro sistema de representação simbólica faz uso da palavra, ou, melhor dizendo, do discurso, como ferramenta principal de engendramento do processo de humanização que forja, em contrapartida, um sistema de subordinação feminina e, portanto, de dominação masculina. Por conta disso, os gregos tinham por bárbaros os que não faziam uso de sua língua, e nessa seara estavam inclusos não somente os estrangeiros e escravos, como também as mulheres, negando-as de nomear as coisas, de criar um discurso próprio, possibilitando a estas nada mais que a repetição da língua, *logos*, criada pelos homens.

Nos escritos dos filósofos gregos, as mulheres estão subordinadas aos homens e essa relação se justifica de várias maneiras. No olhar platônico da República, o saber e o poder são redutos do masculino, não mencionando nunca as mulheres. O mundo da *pólis* não pode ser pensado pelas mulheres, pois, para Platão, as mulheres fazem parte da reencarnação dos homens que, na sua primeira existência, foram covardes e não souberam conduzir suas vidas, nem em termos da ética, nem da produção do conhecimento. (TEDESCHI, 2012, p. 47).

Dessa forma, Tedeschi (2012) afirma que o discurso filosófico criou uma teoria a respeito do corpo feminino, encerrando as mulheres à reprodução, autenticando sua inferioridade em relação aos homens o que, para eles, era algo dado pela natureza e, portanto, imutável. Além disso, as características biológicas das mulheres, tais como útero, menstruação, reprodução, etc., eram fatores que justificavam a exclusão destas da religião, do governo, da lei e da guerra. Assim, durante o período clássico, o símbolo do órgão masculino era colocado em lugares de destaque, sobretudo nos jardins e locais públicos, posto que estava atrelado à sorte, enquanto que o símbolo dos genitais femininos eram usados para identificar os prostíbulos e os recintos “ímorais”.

Ainda de acordo com Tedeschi (2012), na tradição cristã, aparecem dois modelos centrais de mulher, Eva e Maria, as quais são o completo oposto uma da outra. Aquela assinalada pela desobediência e esta pela obediência. Eva, marcada pela culpa do pecado original e pela sedução de seu companheiro, que culminou para a expulsão do paraíso, sendo também causadora de sua morte e da morte da humanidade. Maria, por sua vez, por sua

fidelidade, confiança e obediência corroborou para a redenção e salvação própria e da humanidade ao dar a luz, ainda virgem, ao Messias. Dessa maneira, o pecado se constitui como uma herança, como algo que vem marcar a espécie humana em conflito com a graça, proveniente do divino.

No período colonial, o comportamento feminino na tribo dos índios tupinambás diferia bastante em alguns pontos daquele legitimado pelos costumes europeus. Consoante Raminelli (2004), as mães não tinham receio de matar os bebês, caso o choro deles incomodasse muito. A poligamia era permitida entre os chefes das tribos e era sinônimo de poder e as índias que ainda não eram “casadas”, podiam se relacionar sexualmente com homens, inclusive forasteiros sem maiores problemas, porém em caso de adultério, elas eram severamente punidas.

Na colônia brasileira, a figura da mulher era cercada pela culpa. A misoginia estava presente em todos os espaços nos quais a mulher habitava e a ela era atribuída à culpa do pecado original, da carne e da provocação (ARAÚJO, 2004). Em seus papéis de mãe, esposa e filha, não havia espaço para libido ou desejo, isto seria algo imperdoável, mas mesmo assim havia muitos casos considerados como “devassidão”, alguns envolvendo o clero.

Del Priore (2013), no livro *Histórias e Conversas de Mulher*, na primeira parte do livro intitulada *Da mulher na família à família da mulher*, defende que a história do casamento está diretamente atrelada à história da Igreja, visto que o casamento civil passou a ser imposto somente no século XIX, por volta de 1890. Antes disso, a Igreja era quem se encarregava do matrimônio. Todavia, na era colonial, o rito do casamento na Igreja custava muito caro, sendo, portanto, um privilégio das famílias brancas e de classes sociais mais abastadas, ao passo que as famílias negras e economicamente desfavorecidas não desfrutavam de tal privilégio. Assim, surgiam as chamadas “uniões à moda da terra”, ou seja, uniões estáveis, as quais não dispunham da benção do padre, logo eram vistas como menos legítimas.

Ademais, Del Priori (2013), afirma que, por conta disso, a Igreja exercia o controle sobre a sexualidade das mulheres, o que resultava em dois padrões de moral feminina que conduziam as relações entre os sexos: as mulheres da casa e as mulheres da rua. Destarte, as mulheres brancas, antes sob a guarda e obediência dos pais passavam a ser submissas e tuteladas pelos maridos, devendo, assim, zelar por suas reputações, de modo a ficarem trancafiadas em casa. Já as mulheres negras e mestiças, consideradas “da rua”, eram usadas como objeto de satisfação sexual de seus patrões, sendo estas as principais vítimas de exploração e violência sexual, além de racismo.

Del Priore (2013), na segunda parte do livro denominada *Mães – as boas, as más e as outras*, Priore esclarece que a maternidade é uma construção, influenciada, sobretudo, pela Igreja, pelo Estado e pela Medicina os quais estavam diretamente implicados. Nesse sentido, a procriação era vista como um encargo de toda boa esposa, assim “uma das obrigações da mulher era redimir o erro cometido por Eva: devem sofrer com paciência as incomodidades da prenhez e as dores do parto como pena do pecado” (DEL PRIORE, 2013, p. 115). Em vista disso, em meados do século XIX, tanto as parteiras quanto as benzedeadas e também as erveiras passaram a sofrer perseguições por parte dos médicos e do Estado, posto que o saber médico masculino passou a se apropriar e imperar tanto com suas medicações quanto com suas novas tecnologias de parto, instituindo um novo modelo obstétrico, isto é, o parto cesáreo, na tentativa de suprimir o parto natural e, conseqüentemente, o trabalho das parteiras.

Consoante Del Priore (2013), em 1890, o Código Penal da República passou a penalizar mulheres que praticassem o aborto, contudo, até então, receitas abortivas eram ensinadas as claras e sem censura, inclusive pelos jornais locais, e a Igreja não se pronunciava acerca da proibição. Foi somente em 1940, durante o Estado Novo, que o Código Penal da República sofreu nova alteração nesse sentido, tornando crime o aborto, resultando em reclusão de um a três anos da mulher que viesse a praticar o aborto, sob a égide da ideia de coesão social, a qual se dava através da mulher com o intuito de consolidar a pátria e a família, tendo em vista sua intransferível responsabilidade nos cuidados com a prole e na conservação da família.

Del Priore (2013), já na terceira parte intitulada *Corpo Feminino: Paisagens e Passagens*, elucida que a mulher, ao destacar e enfatizar sua beleza era vista sob o crivo da Igreja como perigosa, posto que a beleza, aludida ao sexo, era concebida como pecado, o pecado da luxúria, tendo de ser vigiada e moderada pela Igreja, dizendo de outro modo: “Apesar da pobreza material que caracteriza a vida diária no Brasil colônia a preocupação feminina com aparência não era pequena, porém, controlada pela Igreja” (DEL PRIORE, 2013, p. 186). De acordo com a autora, foi só em meados do século XIX que as mulheres, brancas e burguesas, passaram a mover-se de suas casas em direção as ruas, expondo seus corpos delineados, delicados e alvos com seus cabelos compridos. Foi a partir daí também que as mulheres passaram a praticar esportes, mas não era qualquer esporte, eram esportes considerados femininos, como, por exemplo, a natação, considerada esteticamente elegante, harmoniosa, agradável, bela e sutil, além de higiênica. Nesse sentido, para que uma mulher fosse bem vista e aceita socialmente ela teria que ser sempre passiva e subordinada aos

regimentos e padrões culturais, provenientes do patriarcalismo, caso contrário teria sua reputação maculada.

Beauvoir (1970), com seu famoso manifesto intitulado *O Segundo Sexo*, buscava elucidar como nasce na cultura essa submissão da mulher em relação ao homem, fazendo, portanto, uma diferenciação das mulheres com os negros e com os judeus, enquanto categorias submissas e exploradas. Para tanto, a autora afirma que, durante um tempo na história, os brancos conseguiram dominar os negros e os não judeus conseguiram dominar os judeus, impondo a sua lei e perseguindo seus opositos, muito provavelmente por serem estes a minoria. Todavia, essa questão não se aplica às mulheres, posto que elas estão condicionadas à sua estrutura fisiológica que as diferenciam dos homens e que por esse motivo sempre estiveram subordinadas aos homens ao longo da história. Assim, o laço que as vincula a seus opressores não é análogo a nenhum outro, dado que a diferença e segregação entre os sexos é uma condição biológica e não um determinado período histórico. Sendo assim, sua subordinação não é um efeito de um acontecimento ou de uma evolução, visto que isso não ocorreu, o que legitima a alteridade como um absoluto.

[...] Os proletários dizem "nós". Os negros também. Apresentando-se como sujeitos, eles transformam em "outros" os burgueses, os brancos. As mulheres [...] não dizem "nós". Os homens dizem "as mulheres" e elas usam essas palavras para se designarem a si mesmas: mas não se põem autenticamente como Sujeito. [...] a ação das mulheres nunca passou de uma agitação simbólica; só ganharam o que os homens concordaram em lhes conceder; elas nada tomaram; elas receberam. Isso porque não têm os meios concretos de se reunir em uma unidade que se afirmaria em se opondo. Vivem dispersas entre os homens, ligadas pelo habitat, pelo trabalho, pelos interesses econômicos, pela condição social a certos homens — pai ou marido — mais estreitamente do que as outras mulheres. Burguesas, são solidárias dos burgueses e não das mulheres proletárias; brancas, dos homens brancos e não das mulheres pretas. O proletariado poderia propor-se o trucidamento da classe dirigente; um judeu, um negro fanático poderiam sonhar com possuir o segredo da bomba atômica e constituir uma humanidade inteiramente judaica ou inteiramente negra: mas mesmo em sonho a mulher não pode exterminar os homens. (BEAUVOIR, 1970, p. 13)².

Em consequência disso, os homens gozam de mais vantagens econômicas, possuindo maiores salários³ e maior probabilidade de mobilidade social que as mulheres, as quais há pouco conquistaram o direito de entrar no mercado de trabalho. Dizendo de outro modo, esse direito foi conquistado pelas mulheres brancas e de classe média alta, haja vista

²É importante esclarecer que, embora a autora alegue que a mulher não possui identidade de grupo, devemos considerar a época em que seu manifesto foi escrito e que o fato de hoje termos supostamente uma identidade de grupo muito se deve a obra de Beauvoir.

³Fonte: Observatório de gênero. Disponível em: <http://www.observatoriodegenero.gov.br/menu/noticias/homens-recebem-salarios-30-maiores-que-as-mulheres-no-brasil/>. Acesso em: 15 dez. 2016.

que para as mulheres negras e pobres trabalhar nunca foi opção, pelo contrário, sempre foi dever e obrigação, daí a feminização do trabalho ser sinônimo de precarização do trabalho. Não obstante, em muitos setores ainda haja predileção por empregados do sexo masculino, os quais são maioria na indústria, no comércio e na política, sendo seus cargos também de maiores destaque, e, em detrimento disso, dispõem visivelmente de mais poder e prestígio na sociedade, fazendo com que ambos componham castas diferentes. Assim, “a mulher sempre foi, senão a escrava do homem ao menos sua vassala; os dois sexos nunca partilharam o mundo em igualdade de condições”. (BEAUVOIR, 1970, p. 14). Desse modo, nas palavras de Beauvoir (1970):

[...] o presente envolve o passado e no passado toda a história foi feita pelos homens. No momento em que as mulheres começam a tomar parte na elaboração do mundo, esse mundo é ainda um mundo que pertence aos homens. Eles bem o sabem, elas mal duvidam. [...] Recusar a cumplicidade com o homem seria para elas renunciar a todas as vantagens que a aliança com a casta superior pode conferir-lhes. O homem suserano protegerá materialmente a mulher vassala e se encarregará de lhe justificar a existência: com o risco econômico, ela esquiva o risco metafísico de uma liberdade que deve inventar seus fins sem auxílios. Efetivamente, ao lado da pretensão de todo indivíduo de se afirmar como sujeito, que é uma pretensão ética, há também a tentação de fugir de sua liberdade e de constituir-se em coisa. (BEAUVOIR, 1970, p. 14-15).

Na década de 1950, as revistas orientavam quais as melhores maneiras das mulheres se comportarem, fossem as moças solteiras ou as senhoras casadas. A revista *O Cruzeiro* em 24/05/1958 dizia: “chamar a atenção dos rapazes [com gestos estudados e sensuais] é depreciativo para a moça”. Roupas curtas, sensuais e comportamentos ousados, até mesmo qualquer sinal que sugerisse intimidade com um rapaz era algo que fazia com que a “moça” ficasse com uma má reputação (“mal falada”). Era preciso ter muito cuidado para não sair com vários rapazes, para não ser vista como uma garota “fácil” (BASSANEZI, 2004). Aos rapazes eram permitidas experiências sexuais antes do casamento, mas com as “biscates”, ou seja, mulheres com as quais eles não iam casar. As solteiras não virgens deveriam manter essa condição em segredo se quisessem arranjar um marido, pois era muito raro um rapaz querer casar com uma moça que já havia sido “deflorada”. Carinhos excessivos com o namorado ou noivo já podia ser uma ameaça à reputação da moça, já sugeria que ela tivesse tido experiências anteriores (BASSANEZI, 2004).

Odier (2014) vem trazer a diferença entre o “erótico” e o “pornográfico” na estética e de como aquilo que é travestido de “eros” diz de um provincianismo herdado da colônia que quer dar à sexualidade uma certa “elegância”. No contraponto, temos o “pornográfico” que traz à tona aquilo que não tem classe, o “nu”, o “baixo corporal”, o sexo

no seu ato mais penetrante. Durante o correr da mulher na história, a repressão misógina fez com que a sexualidade feminina fosse moldada de diversas formas, mas nunca apagada totalmente. Por baixo do véu do erótico, o desejo e expressões da mulher foram acontecendo. Atualmente, essa higienização do “baixo corporal” na fala e no comportamento da mulher passam por mudanças. Nas letras de *funk*, por exemplo, a mulher se mostra cada vez mais exploradora desse lado “imoral”, “desavergonhado” e “indecoroso”. Aquilo que era, no passado, “clausura” ganha o sentido de “alforria”, à medida que vem ganhando espaço nos palcos.

Em suma, essas teses e teorias esplanadas aqui são de suma importância para que possamos compreender que a mulher foi e vem sendo construída socialmente ao longo da história e, como toda construção social, estas também sofreram e sofrerão mudanças. É importante ressaltarmos que essa apresentação de mulher nas letras da compositora Anitta também é produto de construções sociais, nesse caso de uma compositora do século XXI, que, difere, por exemplo, da apresentação de mulher das canções de Chiquinha Gonzaga, que fora uma compositora do final do século XIX e início do século XX, embora ambas retratem uma leitura de mulher atraente, “perigosa” e sedutora.

Por conseguinte, comparando, por exemplo, à música *Atraente*, de Chiquinha Gonzaga, com as composições de Anitta, podemos observar que Chiquinha fala de uma mulher que rebola, que é “perigosa” e escandalosa, características estas que aparecem também nas letras *Menina Má*, *Cachorro Eu Tenho em Casa* e *Bang*. A letra fala também de uma mulher atraente, que é equivalente a mulher que hipnotiza em *Meiga e Abusada*, falsa, que se assemelha a mulher que finge e faz teatro para dominar o parceiro também em *Meiga e Abusada* e rancorosa, que é análoga a vingativa e má de *Menina Má*. Além disso, a leitura de mulher de Chiquinha Gonzaga que é aquela que atrai só o pensar do parceiro que podemos assemelhar a mulher apresentada por Anitta em *Eu Sou do Tipo* que provoca a imaginação do parceiro.

Portanto, podemos considerar que Chiquinha Gonzaga fora revolucionária em sua época por conta de suas letras irreverentes e audaciosas. Todavia, muito embora as leituras de mulher das compositoras possuam semelhança, é importante atentarmos para o fato de que ambas são distanciadas por um século, o que assinala também diferenças entre suas formas de resistência, sobretudo porque nas letras de Chiquinha o eu-lírico quase sempre termina por se entregar ao amor de um homem, enquanto que nas composições de Anitta ela subverte a imposição social do casamento e está sempre pronta para romper com a relação a qualquer momento, substituindo o parceiro por outro, tal como podemos observar na música *Deixa Ele*

Sofrer, no recorte “Agora se prepara ‘cê’ vai me encontrar a noite na balada em qualquer lugar com a pessoa certa pronta pra me amar”.

Nesse sentido, considerando, de um lado, as injustiças e opressões sofridas pelas mulheres ao longo de toda a história, e, de outro, a participação ativa feminina e a consequente articulação das mulheres, abordaremos no capítulo seguinte sobre o surgimento do Movimento Feminista, o qual foi criado com propósito de reconhecer as mulheres enquanto cidadãs e vê-las com outro olhar, mostrando que estas também podem contribuir com a sociedade de forma científica, econômica e política, além de promover uma tomada de consciência sobre seus corpos, visando romper com a segregação sexista e patriarcal.

4 O SURGIMENTO DO MOVIMENTO FEMINISTA

Devemos atentar para o fato de que, embora, ao longo da história, deliberações civis e legais de cunho opressor fossem legitimando a mulher enquanto submissa ao homem, surgiram grandes manifestações de resistência que favoreceram a solidificação do Feminismo de maneira reivindicatória, ganhando força de expressão aliando-se a outros movimentos políticos que juntos acabaram atentando para os direitos que as mulheres poderiam conquistar.

Consoante Prá e Santos (2015), com a Revolução Francesa e o crescimento do capitalismo, as mulheres forjaram espaços para reivindicar seus direitos aliadas a movimentos políticos esquerdistas. Desse modo, elas militaram por direitos iguais para ambos os sexos, embasadas por ideais liberais. Nesse mesmo período, ocorreram mudanças para as mulheres como efeito do contrato social regulamentado para assegurar o direito político e a vida em sociedade.

Conforme Pateman (1993 *apud* PRÁ; SANTOS, 2015) decorrem dessas mudanças o casamento civil e a legislação do divórcio enquanto dispositivos de um contrato de ordem sexual, o qual visa tornar legítima uma tática de dominação sexual que avigora o patriarcalismo e o autoritarismo masculino, o que acaba por privar as mulheres do direito de garantirem seu próprio sustento econômico, fazendo do casamento civil uma garantia de subsistência.

Outro aspecto que corroborou para a militância das mulheres por seus direitos foi, de acordo com Prá e Santos (2015), a publicação da *Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã*, de Olympe de Gouges, no ano de 1791. Considerada um modelo na defesa do direito à cidadania feminina, fora inspirada nos ideais iluministas de igualdade, liberdade e fraternidade e tinha como intuito incluir as mulheres no campo da cidadania burguesa, todavia, resultou na morte da autora da publicação, guilhotinada em 1793. O prólogo desta Declaração alegava que:

Mães, filhas, irmãs mulheres representantes da nação reivindicam constituir-se em uma assembleia nacional. Considerando que a ignorância, o menosprezo e a ofensa aos direitos da mulher são as únicas causas das desgraças públicas e da corrupção no governo, resolver expor em uma declaração solene, os direitos naturais, inalienáveis e sagrados da mulher. Assim, que esta declaração possa lembrar sempre, a todos os membros do corpo social seus direitos e seus deveres; que para gozar da confiança, ao ser comparado com o fim de toda e qualquer instituição política, os atos de poder de homens e de mulheres devem ser inteiramente respeitados; e que, para serem fundamentadas, doravante, em princípios simples e

incontestáveis, as reivindicações das cidadãs devem sempre respeitar a constituição, os bons costumes e o bem estar geral. (GOUGES, 1791, s/p).⁴

Em 1792, fora publicada *Vindicação dos Direitos da Mulher*, da feminista Mary Wollstonecraft, escrito este que fora considerado fundador do Feminismo, visto que tratava da exigência à igualdade entre os sexos e, conseqüentemente, a independência econômica e o direito de participação política por parte das mulheres. Destarte, “A reação a esse posicionamento promoveu a retirada dos direitos políticos das mulheres, que ficaram proibidas de assistir as assembleias políticas, e as que mantiveram algum vínculo político foram guilhotinadas ou exiladas.” (PRÁ; SANTOS, 2015). Outra questão que garantiu a subordinação da mulher ao marido foi o Código de Napoleão de 1815, que autorizava a legalização do matrimônio e defendia que a mulher, sendo esta filha ou mãe, deveria estar subordinada ao pai, ao marido e até mesmo ao filho e era com isso impedida de exercer sua cidadania.

Ainda segundo Prá e Santos (2015) outro documento fora lançado no ano de 1948, chamado *Declaração de Sentimentos* ou de *Seneca Falls*, originado em Nova York, na Convenção de Seneca Falls, que visava debater os direitos dentro dos aspectos sociais, civis e religiosos das mulheres o qual foi engendrado com base na Carta de Independência dos Estados Unidos, lutando, assim, pelo direito das mulheres ao voto, à participação política, bem como à ocupação de cargos públicos, além de terem seu próprio negócio, o que implica a dedicação ao comércio e o direito de ter contas bancárias e de conquistar propriedades privadas.

Feminismo, de acordo com Prá e Santos (2015), consiste em um movimento, surgido no final do século XVIII, de cunho sociopolítico que tem como principais objetivos resguardar e fazer valer os direitos humanos das mulheres, resistindo a toda e qualquer forma de violência, opressão, exploração, dominação e discriminação contra a mulher. Portanto, esse movimento questiona as concepções das divergências biológicas que defendem a superioridade do homem em relação à mulher, subvertendo, assim, relações hierárquicas.

Assim, além de ser uma teoria política e uma prática social é também uma forma de estar no mundo, permitindo uma tomada de consciência crítica que inevitavelmente

⁴ GOUGES, Olympe de. **Declaração dos direitos da mulher e da cidadã –1791**. Disponível em: <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Documentos-antiores-%C3%A0-cria%C3%A7%C3%A3o-da-Sociedade-das-Na%C3%A7%C3%B5es-at%C3%A9-1919/declaracao-dos-direitos-da-mulher-e-da-cidada-1791.html>. Acesso em: 23 de Janeiro de 2017.

muda a vida das mulheres que dele se acercam. Tal postura é utilizada para contestar as raízes culturais da desigualdade e a hierarquia social entre homens e mulheres, tida como historicamente determinada e injusta. Ao que soma ao questionamento da linguagem sexista, percebida como responsável pela construção de um discurso que confunde o masculino com o universal. (VARELA, 2005, *apud* PRÁ; SANTOS, 2015, p. 113).

Contudo, o Feminismo milita a favor da equidade social, econômica, política e cultural entre homens e mulheres, com o intuito de enfrentar o patriarcalismo, o autoritarismo e o sistema de dominação social e cultural entendido como machismo.

Destarte, no tópico seguinte abordaremos o Feminismo de forma plural, isto é, atentaremos para os feminismos, enquanto vertentes, e suas distinções no contexto atual, bem como suas contribuições e conseqüências no âmbito social, político, econômico e cultural.

5 VERTENTES DO MOVIMENTO FEMINISTA

Abordaremos nesse tópico as principais vertentes do movimento feminista e suas singularidades. É necessário falarmos de feminismos, no plural, haja vista que esse movimento não é singular nem tampouco homogêneo, já que não se dá por apenas um coletivo, mas por vários. O movimento hoje não se restringe apenas a mulheres brancas, de classe média ou alta que militam em prol de direitos civis, espaço no mercado de trabalho e independência financeira. A mulher negra, a mulher pobre, a mulher jovem, a mulher mãe, a mulher lésbica, ou seja, as diferentes mulheres, também ocupam seus espaços e se engajam na militância em prol de direitos e reconhecimento de suas causas. Destacaremos as principais vertentes do Movimento Feminista: feminismo liberal, feminismo negro, feminismo interseccional e feminismo radical.

De acordo com Silva (2008), a primeira corrente do Movimento Feminista nasce a partir da Revolução Francesa com a obra *A Vindication of the Rights of Woman*, de Mary Wollstonecraft, visando promover reformas políticas e legais, a fim de equiparar direitos entre homens e mulheres. Com isso, a mulher passava a ser vista também como cidadã. Para tanto Mary Wollstonecraft estruturou a primeira denúncia acerca da submissão feminina, pautando-se na doutrina liberal dos “direitos inalienáveis do homem” para reclamar os direitos das mulheres, sobretudo o direito a educação. A vista disso, essa primeira fase do movimento começa a contestar e refutar as incoerências das imposições do universalismo dos direitos políticos e individuais de um lado e do universalismo da diferença sexual de outro, ambos instituídos na modernidade, sendo o último assegurado com base na explicação de que a natureza era a responsável por tal diferenciação.

Nas reivindicações do Feminismo desse período, ações como a extensão dos direitos políticos às mulheres, desenhadas pelo Movimento Sufragista, o acesso à educação pública, a preocupação com questões sociais ligadas à família – proteção à maternidade – e ao trabalho – direito das mulheres trabalhadoras, distribuídas, respectivamente, na perspectiva igualitária baseada no humano universal e na perspectiva dualista baseada na função social da maternidade, caracterizaram a Primeira Onda do Feminismo como Feminismo Liberal. (SILVA, 2008, p. 2).

Assim, o que essa corrente do movimento defende é que podem as mulheres derrotar as desigualdades das leis e dos costumes culturais, bem como reverter injustiças sociais através da representatividade feminina em instâncias tanto políticas, ocupando lugares no congresso e nas câmaras, por exemplo, quanto econômicas, destacando-se em instituições e empresas, e também sociais, ocupando cargos nos veículos de comunicação e espaços nos

movimentos sociais. Dizendo de outro modo, as mulheres podem e devem ocupar os espaços que quiserem, assim como devem lutar por seus direitos. Na composição *Meiga e Abusada* o recorte que melhor expressa isso é “Eu posso conquistar tudo que eu quero” que pode ser compreendida e problematizada para além da liberdade sexual, como também cultural, liberdade de expressão e liberdade política, que vem sendo conquistada através de uma nova consciência advinda do empoderamento feminino.

À vista disso, Silva (2008) atenta para o fato de que por volta do século XIX as mulheres passaram a produzir jornais e periódicos os quais se norteavam em torno da emancipação e constituição da identidade feminina, enquanto que no século XX as mulheres reivindicavam o direito ao voto, Movimento Sufragista Feminino, a expansão dos setores trabalhistas e a inserção em cursos superiores, corroborando, assim, para a emancipação da mulher na sociedade. A autora salienta também que essa primeira onda foi assolada por acontecimentos tais como a cisão entre pacifistas e apoiadores da Primeira Guerra Mundial, a crise econômica que se alastrou até meados da década de 1930, a concessão do direito ao voto por parte das mulheres em diversos países por volta dos anos 1920 e 1930 do século passado, corroborando para a separação do feminismo liberal.

Silva (2008) defende que o feminismo negro surge no Brasil em meados dos anos 1980. Na agenda do movimento constam pautas como a luta contra o genocídio da juventude negra, contra a violência sexual as mulheres negras e também a intolerância às religiões de matrizes africanas. Assim, é fundamental atentarmos para o quadro de desigualdades políticas, culturais, econômicas e sociais no Brasil, as quais são niveladas tomando por base questões sexistas e raciais. Homens brancos, cristãos, heterossexuais, burgueses e latifundiários dispõem de mais privilégios na sociedade, ocupando o topo da pirâmide social, enquanto que mulheres negras, pobres, de religiões de matrizes africanas e lésbicas ocupam a base dessa mesma pirâmide. Das composições, os recortes que melhor se aplicam são “Mas não vou ficar na tua mão” e “Falei que pra mim você não é rei. Tudo que eu podia eu falei. Não ia ficar assim se depender de mim”, expressos em *Bang e Deixa Ele Sofrer*.

Outro fator que influenciou o surgimento dessa vertente é que ao passo em que as mulheres brancas procuravam igualar direitos civis com os homens brancos às mulheres negras traziam consigo o fardo da escravidão que marcara sua história, o que a subordinava não somente aos homens, mas também as mulheres brancas, não sendo as mulheres negras, portanto, representadas pelos movimentos sociais hegemônicos. Sendo assim,

[...] um feminismo negro, construído no contexto de sociedades multirraciais, pluriculturais e racistas [...] tem como principal eixo articulador o racismo e seu

impacto sobre as relações de gênero, uma vez que ele determina a própria hierarquia de gênero em nossas sociedades. (CARNEIRO, 2003, p. 51).

Com isso, podemos perceber que no bojo do racismo e sexismo são nutridas violências históricas cujas principais vítimas são pessoas negras, sobretudo mulheres negras, isto é, existe um grande abismo tanto entre homens e mulheres quanto entre negros e brancos no Brasil, o que faz com que mulheres negras sejam colocadas em uma posição duplamente desprivilegiada, violentada e fragilizada, rompendo com o mito de que são fortes por natureza.

Nós, mulheres negras, fazemos parte de um contingente de mulheres, provavelmente majoritário, que nunca reconheceram em si mesmas esse mito, por que nunca fomos tratadas como frágeis. Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas... Mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar! Fazemos parte de um contingente de mulheres com identidade de objeto. Ontem, a serviço de frágeis sinhazinhas e de senhores de engenho tarados. Hoje, empregadas domésticas de mulheres liberadas e dondocas, ou de mulatas tipo exportação. Quando falamos em romper com o mito da rainha do lar, da musa idolatrada dos poetas, de que mulheres estamos falando? (CARNEIRO, 2003, p. 50).

Em relação à identidade de objeto a que Carneiro (2003) se refere, isto é, ao lugar em que as mulheres negras foram violentamente colocadas e obrigadas a ocupar, sobretudo no tocante a exploração e abuso sexual por parte dos patrões, os recortes que melhor expressam resistência e conscientização de seu corpo e direitos, os quais ainda são, à míude, violados se encontram nas músicas *Não Para* no trecho “Vai ter que respeitar” e *Menina Má* nos segmentos “Já digo: ‘não vai rolar!’” e “Não vou beijar”, assim como em *Meiga e Abusada* “Homem do teu tipo eu uso”. A música *Provocar*, no recorte “Sei que te provooco quando passo de shortinho, muito debochada passo de short bem curtinho. Pode me olhar ‘tô’ nem ai, porque hoje eu quero me diverti. Pode me olhar só não pode tocar.”, alude para o fato de que a mulher é livre para vestir o que quiser e suas vestimentas não autorizam ninguém sobre o corpo dela, tampouco confere aos homens o direito de usar de violência verbal, física ou sexual.

Por conseguinte, não podemos encerrar o conceito de feminismo nele mesmo, já que não podemos incluir todas as mulheres em um mesmo contexto. Existem outros fatores que precisam ser considerados, o que significa dizer que quando falamos em mulheres precisamos dizer de quais mulheres estamos falando. É importante dizer que as mulheres que ficaram responsáveis pelos próprios filhos e pelo trabalho doméstico, durante todo o período em que seus maridos trabalhavam fora, certamente não foram às mulheres negras. Uma vez que estas, após o período de escravidão, tiveram que se encarregar também do sustento da

família, por vezes prestando cuidados aos filhos de mulheres brancas e de classe social elevada. Além disso, também desempenhava trabalhos domésticos em sua própria casa, já que sua condição não lhe disponibilizava o privilégio de pagar por serviços de outras pessoas para desempenhar esse papel. Portanto, essas mulheres estavam sujeitas a uma jornada tripla de trabalho, a troca de salários de subsistências e quase sempre sem nenhuma seguridade social.

De acordo com Carneiro (2003), o feminismo negro pode ser caracterizado, sobretudo pela luta, uma luta marcada tanto pela tentativa de “sexualizar” a agenda do movimento negro, trazendo questões relativas ao gênero para o centro das discussões quanto de “enegrecer” o Movimento Feminista, trazendo à baila questões referentes à raça. Portanto, não se trata apenas de uma luta contra a desigualdade de gênero, tampouco de raça, mas de ambas as formas de violência.

O feminismo interseccional, pós-moderno, também tem como diferencial o fato de não considerar apenas as causas de gênero, mas também as questões de outras minorias, tendo em vista orientação sexual, classe social, raça, deficiências, etc. Dentro desta seara estão o feminismo negro, o feminismo lésbico e o transfeminismo. Outro diferencial dessa corrente é a aceitação da participação dos homens no movimento.

De acordo com Oliveira (2006), falar de interseccionalidade é, sobretudo, falar como gênero, orientação sexual, raça, idade, religião e classe social se entrelaçam no processo de construção de identidade dos sujeitos, resultando em diversas formas de opressões ou privilégios. Logo, a intersecção se encarrega pela formação de um sujeito específico, bem como de relações interpessoais, formas de ser e estar no mundo e também determinados lugares sociais.

A intersecção de categorias identitárias elucidada como nem todas as pessoas gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros se vêem afetadas pela opressão e pela discriminação da mesma maneira e num mesmo grau. Também permite o reconhecimento de que, por exemplo, as pessoas LGBT negras podem experimentar a opressão por orientação sexual/identidade de gênero de uma maneira diferente das pessoas que não enfrentam o racismo. (OLIVEIRA, 2006, p. 95).

Dizendo de outra forma, a identidade de um sujeito ou de um grupo, assim como seus privilégios e opressões podem variar de acordo com a intersecção ou junção de dois ou mais desses aspectos, isto é, raça, etnia, gênero, orientação sexual, religião, classe etc. Desse modo, pensar interseccionalidade é problematizar como essas categorias são ainda utilizadas para segregar pessoas em nossa sociedade. Sendo assim,

[...] ser mulher negra lésbica é ser mulher negra, com toda carga de injustiça social e discriminação que isso acarreta, e ainda lésbica. Daí, podemos perceber que, ainda que para os sujeitos sociais a intersecção não represente uma simples soma, para os grupos

que lutam por direitos humanos considerar mais uma categoria na sua agenda política seria acrescentar uma outra opressão ao seu trabalho e, mais do que isso, à sua identidade coletiva. (OLIVEIRA, 2006, p. 97).

Segundo Ávila (2003) *apud* Oliveira (2006) existe no Brasil uma moral sexual hegemônica a qual é determinada e também determina a heterossexualidade como demonstração "natural" de relacionamento sexual, sendo, por isso, a única com consentimento social. Em consequência disso, surgem movimentos gays e lésbicos aliados ao movimento feminista interseccional com o intuito de alcançar direitos sexuais em prol da cidadania. Embora as composições façam referência a uma mulher heterossexual, podemos tomar por empréstimo o recorte “Olha, deseja, mas não chega perto. Não perde a linha. Tenta ser discreto. Você não faz do jeito que eu quero.” da música *Show Completo*, entendendo que este trecho também serve para problematizar questões enfrentadas por uma determinada minoria, como, por exemplo, mulheres negras lésbicas, as quais são vítimas de preconceito e assédios frequentes, por não terem sua orientação respeitada e serem vistas como objeto masculino de exploração sexual. Importa dizer que mulheres negras que são lésbicas ou bissexuais também são vítimas de abordagens invasivas e ofensivas, discriminação sexual e lesbofobia. Portanto, por estarem inseridas em variados aspectos sociais é que essas mulheres acabam se tornando, devido às suas lutas, agentes sociais, sendo responsáveis pela organização de movimentações políticas que militam contra as inúmeras formas de discriminação, segregação e opressão, passando a produzir seus próprios instrumentos teóricos que corporificam suas lutas.

Consoante Britzman (1996) *apud* Oliveira (2006) as identidades gays e lésbicas operam dentro de regimes discursivos de normatividade, de violência material e simbólica, assim como de invisibilidade policiada, implicando, assim, uma sequência de identificação, desidentificação e rearticulação no processo de formação de um renovado discurso do eu, dos outros e do desejo. Ademais, o modo como a homossexualidade é experienciada por cada sujeito está diretamente atrelada à forma como seu gênero, sua raça, etnicidade, religião, estética, geração são sentidos, assim como a maneira como cada sujeito luta contra o sexismo, a homofobia e o racismo nos mais diversos contextos sociais.

A vertente radical do Movimento Feminista, por sua vez, tem como enfoque principal o combate à desigualdade social entre os gêneros, promovida pelo patriarcado, o qual legitima a posição masculina como sendo superior, conferindo aos homens o direito de se sobrepor, dominar e oprimir as mulheres, haja vista que “a dominação do macho sobre a fêmea é a ideologia mais arraigada em nossa cultura, por cristalizar o conceito mais elementar de poder.” (SILVA, 2008, p. 9). Nesse sentido, podemos observar que Anitta, na composição

Deixa Ele Sofrer, se opõe claramente a desigualdade de gênero e a opressão patriarcal no segmento “Falei que pra mim você não é rei. Tudo que eu podia eu falei”, assim como em *Menina Má* no recorte “Não quero mais ficar”.

Assim, de acordo com Silva (2008), importa ao patriarcado a diferenciação sexual, já que é esta que lhe assegura enquanto sistema de poder e dominação, sendo respaldado pela afirmação de que homens e mulheres teriam essências diferentes. A fim de superar a opressão feminina, as feministas radicais acreditam que é necessário, embora não suficiente, frisar nas justificativas a respeito da diferenciação entre os sexos e a submissão da mulher no patriarcalismo. Contudo, as feministas radicais defendem que as mulheres necessitam se juntar na batalha contra os homens, e, diferentemente das feministas liberais, defendem também que as mulheres precisam se opor inclusive ao Estado, assim como a todas as instituições formais por serem obra do homem e, conseqüentemente, de natureza patriarcal. Logo, não são neutras nem tampouco mediadoras entre as forças, “(...) uma vez que, todas as instituições, como o exército, a indústria, a tecnologia, as universidades, a ciência, a política e as finanças, estão teoricamente em mãos masculinas.” (SILVA, 2008, p. 9).

Por não participar da construção do social, as mulheres se viam subjugadas por estas instituições e conceitos que as silenciavam, perpetuando a violência física e moral. Dessa forma, para combater e se libertar da cultura patriarcal, as mulheres deveriam redefinir o espaço social e tornarem-se agentes da construção de conceitos e instituições sociais. Neste momento, um dos conceitos que faziam parte da pauta de discussões internacionais era o conceito de “direitos reprodutivos”, até então manipulado a partir dos referenciais masculinos. (SILVA, 2008, p. 11).

Ademais, segundo Silva (2008), o surgimento dessa vertente do Movimento Feminista, foi evidenciado, sobretudo, por um engajamento político de desconstrução e quebras de paradigmas e imposições sociais, direcionados tanto para a compreensão, como valorização e emancipação do corpo feminino, através da promoção de autoconsciência sobre seu corpo, realizada através de vindicações e ativismos.

Importa falarmos de Simone de Beauvoir que foi pioneira dessa corrente com seu postulado intitulado “Segundo Sexo” que, apesar da época em que fora escrito ainda hoje é muito referenciado quando o assunto é feminismo, justamente porque as mudanças em nossa sociedade ocorreram e vem ocorrendo ainda devido ao mérito do legado de Beauvoir que desmistificou tabus em torno da sexualidade e da família.

Em o “Segundo Sexo”, esta autora analisa o conflito entre a liberdade e a autonomia da mulher enquanto sujeito, e a sua condição de alteridade enquanto mulher, salientando os fatores sociais, políticos e históricos que contribuem para a construção da feminilidade, formando uma rede de relações de poder que estruturam a família e a sexualidade. (SILVA, 2008, p. 6).

Em conformidade com Silva (2008), Simone de Beauvoir, embora não introduza em sua obra o conceito de gênero, foi pioneira feminista a considerar a condição da mulher com base no hoje denominado conceito de gênero. Nesse sentido, ela passa a analisar e criticar o “determinismo biológico, às abordagens psicologizantes e ao materialismo histórico, argumentando que a mulher é uma construção social historicamente determinada, construída no pensamento ocidental como ‘o outro’” (SARDENBERD et all, 2000 *apud* Silva 2008).

Também de acordo com Silva (2008), é o patriarcado a entidade que fomenta a cisão sexista, subsidiando, assim, as ideias e preceitos morais que sistematizam a sociedade, pautando-se em diferenças hierarquizadas, isto é, “o patriarcado é uma ideologia dominante que não admite rival; talvez nenhum outro sistema tenha exercido um controle tão completo sobre seus súditos” (MILLET, 1975, p. 45 *apud* SILVA 2008, p. 8). A autora defende também que é na família que o sistema patriarcal se mantém e se reproduz.

É na família que categorias como temperamento, *status* e os papéis, são, pela primeira vez, adotados e assimilados com todo rigor e reproduzidos para a sociedade como modelos “originais” de comportamento para cada um dos sexos. Como uma corrente de poder, a família formata os seres conforme o modelo patriarcal, que formata a sociedade e assim se reproduz no governo e vice-versa, ligados entre si, formando uma rede ideológica do poder masculino. (SILVA, 2008, p. 8).

Por conseguinte, Silva (2008) *apud* Millet (1975) nos explica que no bojo de sistematização do patriarcado, são traçadas normas de conduta tanto para a mulher quanto para o homem, as quais se subdividem em três categorias: componente psicológico, representado pelo temperamento; o componente sociológico, constituído pelo papel; e o componente político, simbolizado pelo *status*. O temperamento tanto do homem como da mulher são opostos e definidos por estereótipos que são mantidos e naturalizados, ou seja, a mulher deve ser virtuosa, frágil, passiva, enquanto o homem forte, agressivo, inteligente. Em relação ao componente sociológico, cabe ao homem executar papéis referentes à produtividade, enquanto a mulher desempenha suas tarefas domésticas e o cuidado com os filhos. Assim, o homem ocupa um *status* superior ao da mulher. Todavia, não é a natureza, a fisiologia nem tampouco o condicionamento físico que corroboram para a superioridade do homem em detrimento da mulher, antes disso é o sistema de valores culturais que impera em nossa sociedade, o qual é sustentado e reproduzido por ambos os sexos.

Contudo, tais categorias de normas de conduta são subvertidas pela compositora, muito embora esta não faça menção ao trabalho em suas letras. No entanto, no quesito temperamento a mulher das canções em nada se assemelha ao temperamento proposto pelo patriarcalismo, de acordo com o recorte da música *Bang* “Deixa que eu faço acontecer” e “Eu

vou continuar te provocando” e na música *Cachorro Eu Tenho em Casa* no trecho “Eu tô preparada pra te dominar”, fazem jus a uma mulher decidida, que se impõe, que é ativa e domina o parceiro. Já no quesito *status*, podemos perceber que a mulher não admite ocupar uma posição inferior a do homem, conforme o recorte “Falei que pra mim você não é rei” da música *Deixa Ele Sofrer*.

De acordo com Silva (2008), desde a década de 1970 até os dias atuais o Feminismo Radical possui diversas pautas de lutas e reivindicações, sobretudo, o reconhecimento do divórcio; adoção de crianças; criação de creches para seus filhos; questões relativas ao direito sobre o próprio corpo, das quais inclui a descriminalização do aborto; a criminalização da violência contra a mulher, a ocupação de cargos políticos por parte das mulheres; a fundação de casas de acolhimento para mulheres em situações de risco; a tolerância a mulheres que resolveram exercer seu direito de seguir sua orientação sexual, dentre outras pautas de reivindicações. No Brasil, as feministas radicais lutaram também pelo fim da ditadura militar, pelo fim da censura, pela anistia, pelo processo de redemocratização do país, além do controle da natalidade e planejamento familiar. Além disso, implementaram também grupos de autoconsciência, educação a respeito da saúde ginecológica da mulher de um modo não patriarcal, grupos de autoajuda e estudo acerca de conquistas e problemáticas enfrentadas pelas mulheres, criaram centros de acolhimento às mulheres violentadas pelos seus companheiros, dentre outras coisas.

Em suma, importa dizer que o Feminismo Radical foi escolhido, em detrimento das outras correntes do movimento, para a análise do *corpus* pelo fato de que as letras não fazem menção à raça, nem tampouco à inserção no mercado de trabalho, todavia, faz referência à orientação sexual, heterossexual, e ao empoderamento feminino e liberdade sexual feminina. Outrossim, as canções se apresentam como forma de resistência ao machismo e a submissão feminina.

6 ANÁLISE DAS LETRAS

Tendo em vista que a análise de expressão consiste em um conjunto de procedimentos que visa analisar a estrutura da narrativa para, em seguida, chegar a uma inferência, pautando-se no entendimento de que é necessária uma relação entre o discurso analisado e as particularidades do interlocutor, assim como os aspectos de seu meio, nos norteamos pelas etapas sugeridas por Minayo (2000) e Bardin (1979).

É importante frisar que as composições que selecionamos para a análise foram: “Bang”, “Cachorro Eu Tenho em Casa”, “Deixa Ele Sofrer”, “Eu Sou do Tipo”, “Menina Má”, “Meiga e Abusada”, “Não Para”, “Provocar” e “Show Completo”.

Tais composições, depois de selecionadas, foram recortadas e os códigos extraídos foram: provocar, dominar, vingar, instigar, controlar, comandar e mandar, dos quais o primeiro aparece numa frequência de sete vezes, o segundo de quatro vezes, enquanto os demais sinônimos de ambos aparecem uma vez cada. Tais recortes originaram a categoria Liberdade Sexual. Nessa categoria abordaremos uma mulher que atua de forma ativa na relação sexual com o parceiro, sendo dominadora, e que usa seu corpo para sua própria satisfação, todavia também o usa como objeto de sedução e atração do parceiro, de modo a provocá-lo e instigá-lo.

Na segunda categoria denominada Empoderamento Feminino, os códigos extraídos dos recortes foram: perigosa, venenosa e menina má. Ambos os códigos foram destacados, cada um, duas vezes ao longo do *corpus*. Nessa categoria falaremos de uma mulher que age de modo a definir o rumo da relação com o parceiro, demonstrando, assim, que não compartilha da visão de comportamento feminino ditada pelo modelo patriarcal.

Sendo estas categorias representantes da leitura de mulher que é reproduzida nas músicas, qual seja “perigosa”, dominadora, provocante, destacaremos, abaixo, as músicas em que essas duas categoria aparecem, bem como seus respectivos recortes e códigos em destaque:

TABELA 1.0 – ANÁLISE DAS CATEGORIAS DO *CORPUS*

LETRAS	EMPODERAMENTO FEMININO	LIBERDADE SEXUAL
	<ul style="list-style-type: none"> • “Não sou de fazer muita pressão, mas não vou 	<ul style="list-style-type: none"> • “Vem na maldade, com vontade, chega e

<p><i>Bang</i></p>	<p>ficar na tua mão”.</p>	<p>encosta em mim”;</p> <ul style="list-style-type: none"> • “Hoje eu quero e você sabe que eu gosto assim”; • “Dei meu tiro certo em você. Deixa que eu faço acontecer”; • “Se você quiser não pode vacilar, demorar”. • “Pra te dominar”. • “Eu vou continuar te provocando”.
<p><i>Cachorro Eu Tenho em Casa</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> • “Hoje eu tô perigosa, hoje eu tô venenosa; • “Nada de papo torto. Eu sei jogar o jogo”; 	<ul style="list-style-type: none"> • E me bateu uma vontade louca de fazer”; • “Fica ligado que o meu alvo pode ser você”; • “Mas se eu chegar tu se garante que eu não gosto de moleque”; • “Pega, mas não gruda que eu não sou chiclete”; • “Não tô a fim de historinha, conversa fiada, eu tô querendo um homem”. • “Eu tô preparada pra te dominar”.
	<ul style="list-style-type: none"> • “Deixa ele chorar. Deixa ele sofrer. Deixa ele saber que eu tô curtindo pra valer”; 	<ul style="list-style-type: none"> • “Pode implorar o meu prazer”.

<p><i>Deixa Ele Sofrer</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> • “Falei que pra mim ele não é rei. Tudo que eu podia falei”; • “Não vai ficar assim se depender de mim”; • “Já acabou pra mim”; • “Agora feito bobo vem correr atrás”; • “Sai me deixa em paz”; • “Agora se prepara ‘cê’ vai me encontrar a noite na balada, em qualquer lugar, com a pessoa certa, pronta pra me amar”. 	
<p><i>Eu Sou do Tipo</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> • “Eu sou do tipo que adora um perigo”; 	<ul style="list-style-type: none"> • “Eu sou do tipo que faz graça de tudo, que te deixa maluco pra dar beijo na boca”; • “Eu sou do tipo que quando se apaixona se segura na bronca, porque é toda mandona”; • “É que eu dou aquele tipo de menina que só de olhar já te domina, provoca a tua imaginação”.
	<ul style="list-style-type: none"> • “Eu posso conquistar tudo que eu quero”; • Pensou que eu fosse cair mesmo nesse papo? 	<ul style="list-style-type: none"> • “Mas foi tão fácil pra te controlar com jeito de menina brincalhona, a fórmula perfeita pra

<p><i>Meiga e Abusada</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> • “E quem foi que disse que eu estava apaixonada por você?” • “Eu sempre digo não”. 	<p>poder te comandar”;</p> <ul style="list-style-type: none"> • “Eu finjo vou fazendo meu teatro e te faço de palhaço pra de dominar”; • “Tá fazendo tudo que eu mando”; • “Poderosa eu sou quase um anjo. Hipnose já ganhei você”; • “Te deixo quente”; • “Meiga e abusada faço você se perder”; • “Homem do teu tipo eu uso”.
<p><i>Menina Má</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> • “Me olha e deseja que eu veja mas eu digo: ‘não vai rolar!’”; • “Não vou beijar!”. 	<ul style="list-style-type: none"> • “Vem, se deixa render. • “Vou como sereia naufragar você”. • “Satisfaço meu prazer: te provocar e deixar você querer”; • “Agora eu vou me vingar: menina má”; • “Vou provocar, vou descer e vou instigar”; • “Me pede beijo. Desejo. Não vou beijar”; • “Sou uma menina má”.
	<ul style="list-style-type: none"> • “Vai ter que respeitar”. 	<ul style="list-style-type: none"> • “Hoje cê pode chegar que eu tô querendo”; • “‘Cê’ pode até só olhar, mas hoje eu quero, vem.

<p><i>Não Para</i></p>		<ul style="list-style-type: none"> • “Se tu aguenta descobre o meu talento”; • “Pode chegar e não para”; • “Aproveita que hoje eu ‘tô’ querendo”; • “Não para, não. Vai, não para, não para, não”; • “Vem que no final a gente chega e pega fogo”;
<p><i>Provocar</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> • “Pode me olhar. Só não pode tocar”. 	<ul style="list-style-type: none"> • “Sei que te provoco quando passo de shortinho”; • “A cobra é venenosa, cuidado para não se machucar”; • “Pra te provocar eu vou descer até o chão”; • “Sou menina, não sou mais criança, não”; • “Vou te provocar”.
<p><i>Show Completo</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> • “Se liga. Sai do meu pé”; • “Olha, deseja mas não chega perto”; • “Quem foi que disse que pegava forte? Que eu tinha sorte? Que era só mais uma pra sua coleção?” • “Agora eu quero ver 	<ul style="list-style-type: none"> • “Você não faz do jeito que eu quero. Eu gosto é de show completo”.

	<p>você me esquecer. Aprende a lição”.</p>	
--	--	--

Nos recortes da tabela acima, podemos perceber a incidência tanto da categoria Liberdade Sexual quanto da categoria Empoderamento Feminino, as quais são evidenciadas ao longo de todo o *corpus*. É necessário dizer também que as duas categorias se entrelaçam em todas as músicas analisadas.

A primeira categoria a qual chamamos de Liberdade Sexual pode ser compreendida também, de acordo com Azevedo (2005), como Revolução Sexual a qual é resultante de um movimento histórico, cultural e comportamental, promovido por algumas mulheres norte-americanas que começaram a exercitar e propagar o “amor livre”. Tal movimento representou para aquele contexto da década de 1960 e 1970 uma nova forma de conceber e praticar a sexualidade, a qual era tratada até então como tabu. Esse comportamento se associou ao movimento hippie, o que o fortificou ainda mais, sobretudo com a máxima “make love, not war”. Em decorrência disso, nessa mesma época, surgiu a pílula anticoncepcional, tida, até os dias atuais, como um método seguro e eficaz de se evitar a gravidez, o qual fora permitido e disponibilizado nas farmácias para a comercialização, chegando ao Brasil dois anos depois, devido à rápida popularização do método. Logo, o sexo passou a ser praticado admitindo agora a dimensão do prazer, sobretudo por parte das mulheres, quebrando o tabu que o concebia com o único fim de reprodução.

Em consequência disso, podemos observar claramente nas letras *Bang, Cachorro eu tenho em Casa, Eu Sou do Tipo, Meiga e Abusada, Menina Má, Não Para* e *Show Completo* a recusa da mulher à passividade em determinados momentos, enquanto que em outros ela se faz passiva para comandar o parceiro, além da utilização do corpo enquanto ferramenta de sedução e dominação do parceiro.

Dessa forma, conforme Azevedo (2005), a mulher brasileira passou a ser agente de vicissitudes no âmbito cultural do país entre 1960 e 1975, que tanto assinalou o renascimento das movimentações de grupos politicamente organizados por mulheres, muito embora estes se encontrassem divididos entre feministas e reacionárias, quanto criou uma nova consciência de novas concepções de mulher que passaram a protagonizar outros cenários, ocupando outros papéis, visto que começaram a trabalhar, consumir e se emancipar

sexualmente. Assim, cada vez mais mulheres começaram a lutar pela liberdade dentro e fora do casamento, quebrando o paradigma de um *status-quo* repressivo, censurador e socialmente estigmatizado da mulher separada, o qual é proveniente do modelo patriarcal que ainda rege nossa cultura, o que dificulta, embora não impeça as mulheres de lutar por posições regidas pela equidade de direitos e oportunidades, o que nos leva a adentrar na categoria Empoderamento Feminino. Assim, “empoderamento feminino tem a ver com a questão da construção da autonomia, da capacidade de tomar decisões de peso em relação às nossas vidas, de leva-las a termo e, portanto, de assumir controle sobre nossas vidas”. (SARDENBERG, 2006, p. 3 *apud* MOSEDALE, 2005, p. 243-244).

Desse modo, analisando as músicas *Bang*, *Cachorro Eu Tenho em Casa*, *Deixa Ele Sofrer*, *Meiga e Abusada* e *Show Completo*, podemos observar também a subversão do casamento, enquanto um acordo social, nos respectivos seguimentos: “Não vou ficar na tua mão”; “Pega, mas não gruda que eu não sou chiclete”; “Agora se prepara ‘cê’ vai me encontrar a noite na balada, em qualquer lugar, com a pessoa certa pronta pra me amar”; “Homem do teu tipo eu uso” e “Você não faz do jeito que eu quero. Eu gosto é de show completo”. Além de não se submeter a acordos legais e civis, essa leitura apresentada não se vê obrigada a se manter em uma relação em que não se sente valorizada e em que seu desejo não é considerado, tomando, portanto, a iniciativa de rompê-lo. Assim,

O empoderamento das mulheres representa um desafio às relações patriarcais, em especial dentro da família, ao poder dominante do homem e a manutenção dos seus privilégios de gênero. Significa uma mudança na dominação tradicional dos homens sobre as mulheres, garantindo-lhes autonomia no que se refere ao controle dos seus corpos, da sua sexualidade, do seu direito de ir e vir, bem como um rechaço ao abuso físico e a violação sem castigo, o abandono e as decisões unilaterais masculinas que afetam a toda a família. (COSTA, 2005, P.7 *apud* SARDENBERG, 2006, P.7).

Sendo assim, o Feminismo Radical apresenta, antes de tudo, oposição à estrutura patriarcal de poder e dominação. E como uma de suas principais contribuições está à desconstrução da figura feminina como aquela que é exclusivamente dona de casa, mãe e, portanto, esposa. Ideia esta que mantinha a mulher encerrada nos cuidados domésticos, excluindo-a dos locais públicos, os quais, caso fossem ocupados por mulheres, estas recebiam o *status* de meretrizes, visto que a mulher, durante muito tempo, foi vista apenas na condição de mãe, esposa ou meretriz. As letras, todavia, vão de encontro a essa visão, mostrando que a mulher é sujeita de desejo tal qual o homem.

Nesse sentido, essa construção social da mulher se opõe ao que Silva (2008) *apud* Millet (1975) elucidam como sendo o bojo de sustentação do patriarcado, em que são

delineadas regras e padrões tanto para a mulher quanto para o homem, sobretudo no chamado componente psicológico. Nesse componente, cabe à mulher ser frágil, meiga, delicada, dócil, amável, virtuosa, passiva, doce, angelical. No entanto, as letras evidenciam uma mulher dominadora, “perigosa”, atraente, sedutora e independente do parceiro.

Entretanto, tais conjuntos de normas de conduta são subvertidas pela compositora, apesar de Anitta não fazer referência ao trabalho em suas composições. Assim, podemos observar que o temperamento do eu-lírico em nada coincide ao temperamento alvitado pelo sistema patriarcal, como podemos observar tendo como base os recortes da música *Bang* “Não sou de fazer muita pressão, mas não vou ficar na tua mão” e na música *Cachorro Eu Tenho em Casa* no trecho “Hoje eu tô perigosa, hoje eu tô venenosa”. Já no quesito *status*, podemos perceber que a mulher não admite ocupar uma posição inferior a do homem, conforme o recorte “Falei que pra mim você não é rei” da música *Deixa Ele Sofrer*.

Na música *Meiga e Abusada*, por exemplo, a cantora faz um contraponto ao sistema patriarcal, acerca dos padrões psicológicos ditados para as mulheres, quando esta diz que pode até ser meiga, mas também é abusada, pode até ser anjo, mas é também poderosa, venenosa e “perigosa” e que é justamente se utilizando do perfil de menina brincalhona que ela comanda o parceiro. Contudo, não é somente o temperamento feminino que é contestado e subvertido, mas também o masculino. Na música *Deixa Ele Sofrer*, é retratada outra postura de homem em oposição a do patriarcalismo que defende que o homem precisa ser forte, agressivo, insensível, dominador, o qual impera sobre a mulher que é subordinada aos seus desejos. Todavia, o que aparece na composição é um homem que pode vir a chorar, supostamente arrependido por forjar o perfil imposto pelo patriarcalismo, implorar o perdão da companheira e disposto a tentar reconquistá-la, enquanto esta se vinga de seu parceiro.

Os trechos dessas composições em que essa relação aparece de forma mais clara são, respectivamente: “Vem na maldade, com vontade, chega e encosta-se a mim. (...) Dei meu tiro certo em você. Deixa que eu faço acontecer. (...) E pra te dominar, virar tua cabeça, eu vou continuar te provocando”; “E me bateu uma vontade louca de fazer. (...) Mas se eu chegar tu se garante. (...) Eu tô preparada pra te dominar. (...) Chega com vontade, mostra sua pegada. Eu tô querendo um homem”; “Toda mandona. É que eu sou aquele tipo de menina que só de olhar já te domina”; “(...) Foi tão fácil pra te controlar com jeito de menina brincalhona, a fórmula perfeita pra poder te comandar. (...) Eu finjo, vou fazendo meu teatro e te faço de palhaço pra te dominar. Tá fazendo tudo que eu mando. (...) Te deixo quente. Meiga e abusada faço você se perder. (...) Homem do teu tipo eu uso”; “Vem, se deixa render. Vou como sereia naufragar você. Satisfaço o meu prazer. (...) Me pede beijo, desejo, não vou

beijar”; “Hoje cê pode chegar que eu tô querendo. ‘Cê’ pode até só olhar, mas hoje eu quero, vem. Aproveita que hoje eu tô querendo. Pode chegar e não para. (...) Se tu aguenta, descobre o meu talento. (...) Não para, não. Vai, não para. Não para, não. (...) Vem, que no final a gente chega e pega fogo”; “Você não faz do jeito que eu quero. Eu gosto é do show completo”.

Logo, podemos inferir que as letras fazem jus a uma mulher que demonstra ser heterossexual, jovem, que se considera bela, ativa, sensual, atraente, sedutora, com apelo a beleza do tipo Afrodite⁵, dominadora, uma mulher “independente” do parceiro, que não tem filhos, que não faz menção ao trabalho, e que está numa relação estritamente particular com a sexualidade. Além disso, se vinga do parceiro de modo a seduzi-lo, fazendo-o desejar, mas não atendendo ao seu apelo. Para tanto, faz uso do corpo como ferramenta de sedução e dominação do parceiro. Todavia, é importante ressaltar que essa mulher que se diz “empoderada” é a mesma que se coloca como objeto a ser consumido pela mídia, considerando suas performances para o público feminino, ou seja, o “poderosa” enquanto estratégia midiática que gera uma visão de autoestima elevada, baseada em um padrão de feminilidade de uma mulher performática.

Além disso, o propósito do movimento feminista como um todo é promover a equidade entre os gêneros, não inverter os papéis de opressor e oprimido, o que podemos constatar nas letras como, por exemplo, nos recortes: “eu tô preparada ‘pra’ te dominar, de Cachorro Eu Tenho em Casa, e em “E te faço de palhaço pra te dominar. Tá fazendo tudo que eu mando achando que logo vai me ter, mas no fundo eu só ‘tô’ brincando com você”. Nesse sentido, é necessário subvertermos o lugar da mulher também enquanto dominadora, posto que este lugar atenta para uma identificação com o opressor e o consequente apoderamento de seu discurso. Portanto, se por um lado Anitta apresenta resistência ao sistema patriarcal, por outro se mostra a serviço dele e enquanto produto dele.

⁵ Na mitologia grega, Afrodite é deusa da fertilidade, também conhecida como a deusa da beleza, do amor e da sexualidade. Sua imagem foi correntemente representada através das artes da Antiguidade como o símbolo de beleza ideal para os gregos.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista que as concepções de mulher sensual, “independente” do parceiro, ativa sexualmente e que subverte a imposição social do casamento civil e religioso, se comportando de forma “livre” de convenções conservadoras para romper, a qualquer momento, com uma relação em que não se sente bem não se deu de modo natural. Ao contrário, é resultado de muitas lutas e resistências ao longo da história a qual é marcada pela misoginia, que legitimava a dependência e subordinação da mulher ao homem.

Desse modo, as lutas e movimentos de resistência acabaram por construir uma identidade grupal para as mulheres, fazendo com que estas se reconhecessem enquanto coletivo, o qual sempre fora vítima de exploração, dominação, opressão, discriminação e violência por parte do patriarcalismo.

Portanto, as letras analisadas são reflexos dessas conquistas e conscientização por parte das mulheres, o que não significa dizer que a repressão misógina foi superada totalmente em nossa sociedade contemporânea, haja vista que o machismo continua sendo disseminado, enquanto sistema de dominação que também possui sua faceta inconsciente e que, portanto, é reproduzido também por mulheres, por estar pulverizado nos ensinamentos arraigados em nossa cultura, o que também pudemos constatar nas composições. Daí a dificuldade em enquadrar uma pessoa como feminista ou não, apesar de ser notória também sua identificação com o discurso do opressor, bem como a reprodução desse discurso.

Todavia, embora ao longo da história a sexualidade feminina tenha sido reprimida de diversas maneiras, uma vez que seus comportamentos foram, e continuam sendo, controlados, vigiados, apontados, punidos, e reprovados, conferindo-lhes má reputação, essa repressão não se deu de modo absoluto, posto que o desejo é algo que não se pode interditar por completo, no entanto, precisava ser velado, ao passo que hoje, o exercício que a mulher faz de sua sexualidade se dá de modo, não mais natural e aceitável, mas de forma menos punitiva.

As letras musicais compostas por Anitta, assim como suas danças sensuais e provocantes de conotação e apelo ao sexo que contam com a participação dos fãs no palco, os quais são instigados e seduzidos pela cantora, trocando carícias mútuas, tais quais seus figurinos sensuais, isto é, roupas curtas, justas e decotadas, são a prova da resistência às interdições sexuais e do entendimento de que a mulher não obrigatoriamente deve ser monogâmica e refém de uma relação, ao passo que também a coloca como objeto a ser consumido enquanto um produto midiático.

A leitura e interpretação dessas atitudes e falas como subversivas estão relacionadas a um modo específico de se entender o Feminismo, que corrobora para o conhecimento das possibilidades das mulheres enquanto coletivo, sobretudo na questão da sexualidade. Apesar dessa compreensão não se dar de modo teórica, essas atitudes não deixam de ser uma forma de questionamento sobre a opressão fundada pelo patriarcalismo, além de se configurar como uma reivindicação de um lugar construído por elas mesmas enquanto sujeitos desejantes.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, E. A arte da sedução: sexualidade feminina na colônia. 7. ed. In: DEL PRIORE, Mary. **História das Mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2004.
- AZEVEDO, LÍLIAN HENRIQUE DE. **Para ser mulher: feminismo, revolução sexual e a construção de uma nova mulher em revistas no Brasil (1960 – 1975)**. Londrina. PPG-UNESP/Assis. ANPUH – XXIII Simpósio Nacional de História. 2005.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979. 229 p.
- BASSANEZI, C. Mulheres dos Anos Dourados. In: DEL PRIORE, Mary. **História das Mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2004.
- BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. 4. ed. São Paulo: Difusão europeia do livro, 1970.
- CARNEIRO, SUELI. (2003). **Enegrecer o feminismo**: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: Racismos contemporâneos. Organização, Ashoka Empreendedores Sociais e Takano Cidadania. Rio de Janeiro: Takano Ed. (Coleção valores e atitudes. Série Valores; nº 1. Não discriminação).
- COLLINS, P.H. (2000). **Black Feminist Thought**: knowledge, consciousness and the politics of empowerment. Nova York: Routledge.
- DA SILVA, ELIZABETE RODRIGUES. (2008). **Feminismo Radical**: Pensamento e Movimento. Educação, cultura, linguagem e arte. Rio de Janeiro. Travessia. V.02. Nº03.
- DE OLIVEIRA, VANILDA MARIA. (2006). **Um olhar interseccional sobre feminismos, negritudes e lesbianidades em Goiás**. Goiânia.
- DEL PRIORI, M. (2009). **Corpo a corpo com a mulher**: Pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil. 2. ed.. São Paulo: SENAC São Paulo.
- MAURANO, D. Histeria: **O princípio de tudo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2000.
- ODIER, F. S. **Corpo, nudez, sexualidade e pudor**: paradoxos do Erotismo e do Pornográfico na dimensão estética. In: CONGRESSO DE DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO. 1, 2014, Belo Horizonte. Faculdade de Direito da UFMG. *Anais do Congresso de Diversidade Sexual e de Gênero*. Belo Horizonte: Faculdade de Direito da UFMG.
- PRÁ, J. R.; SANTOS, T. C. B. Feminismo, lutas, conquistas e reivindicações. In: GUARESCHI, P.; HERNANDEZ, A.; CÁRDENAS, M. **Representações sociais em movimento**: psicologia do ativismo político. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015. 111- 124 pp.
- SANTOS, T. C. **Quem precisa de análise hoje? O discurso analítico: Novos sintomas e novos laços sociais**. Rio de Janeiro: Editora Art Line, 2011.

SANDENBERG, Cecília M.B. **Conceituando “Empoderamento” na Perspectiva Feminista**. I Seminário Internacional: Trilhas do Empoderamento de Mulheres – Projeto TEMPO. NEIM/UFBA. Salvador. 2006.

SILVA, H. C. & REY, S. **A Beleza e a Feminilidade: Um Olhar Psicanalítico**. *Psicologia: Ciência e Produção*, 31 (3), 554-567, 2011.

TEDESCHI, A. L. **As mulheres e a história: uma introdução teórico metodológica**. Mato Grosso do Sul: Editora UFGD, 2012.

ANEXO A - LETRAS DAS MÚSICAS ANALISADAS

Bang

Anitta

(Refrão) Vem na maldade com vontade/Chega, encosta em mim/Hoje eu quero e você sabe que eu gosto assim/Bang (bang), dei meu tiro certo em você/Deixa que eu faço acontecer/Tem que ser assim pra me acompanhar, pra chegar/Então vem/Não sou de fazer muita pressão/Mas não vou ficar na tua mão/Se você quiser não pode vacilar, demorar/E pra te dominar/Virar tua cabeça/Eu vou continuar te provocando/E pra escandalizar/Dar a volta por cima/Não vou parar até te ver pirando/(Refrão).

Cachorro Eu Tenho Em Casa

Anitta

Hoje eu tô perigosa/Hoje eu tô venenosa/E me bateu uma vontade louca de fazer/Nada de papo torto/Eu sei jogar o jogo/Fica ligado que o meu alvo pode ser você/Mas se eu chegar tu se garante/Que eu não gosto de moleque/Pega, mas não gruda, que eu não sou chiclete/Não tô afim de historinha, conversa fiada/Eu tô querendo um homem/Cachorro eu tenho em casa/Vem, vem/Eu tô preparada pra te dominar/Vai, vai/Vai na frente que eu já tô chegando lá/Vem, vem/Chega com vontade, mostra sua pegada/Eu tô querendo um homem/Cachorro eu tenho em casa...

Deixa Ele Sofrer

Anitta

Deixa ele chorar, deixa ele chorar/ Deixa ele sofrer/ Deixa ele saber que eu tô curtindo pra valer/ Deixa ele chorar, deixa ele sofrer/Deixa ele saber/Falei que pra mim ele não é rei/Tudo que eu podia eu falei/Não ia ficar assim/ Se depender de mim/Ele vai enlouquecer/Pode implorar meu prazer/Que eu não vou me arrepender/Eu não sou tão fácil assim/Já acabou pra mim/Falou pra todo mundo que não me quer mais/Que amor e compromisso não te satisfaz/Agora feito bobo vem correr atrás/Sai me deixa em paz, sai me deixa em paz/Agora se prepara cê vai me encontrar/A noite nas baladas em qualquer lugar/Com a pessoa certa pronto pra me amar...

Eu Sou do Tipo

Anitta

Eu sou do tipo/Que adora um perigo/Que metade é juízo, mas a outra é louca/Eu sou do tipo/Que faz graça de tudo/Que te deixa maluco pra dar beijo na boca/Eu sou do tipo/Que nunca perde tempo/Aproveita o momento, difícil ir embora/Eu sou do tipo/Que quando se apaixona/Se segura na bronca porque é toda mandona/É que eu sou aquele tipo de menina/Que só de olhar já te domina/Provoca a tua imaginação/Se você ficar, não tem volta não...

Menina Má

Anitta

Me olha e deseja que eu veja/Mas já digo: "não vai rolar!"/Agora é tarde pra você querer me ganhar/Rebolo e te olho/Mas eu não quero mais ficar/Admito que acho graça em ver você babar/Vem, se deixa render/Vou como sereia naufragar você/Satisfaço o meu prazer/Te provocar e deixar você querer/Agora eu vou me vingar: menina má/Vou provocar, vou descer e vou instigar/Me pede beijo, desejo/Não vou beijar/Pode sonhar!/Sou uma menina má...

Meiga e Abusada

Anitta

Eu posso conquistar tudo que eu quero/Mas foi tão fácil pra te controlar/Com jeito de menina brincalhona/A fórmula perfeita pra poder te comandar/Pensou que eu fosse cair mesmo nesse papo?/Que tá solteiro e agora quer parar/Eu finjo, vou fazendo meu teatro/E te faço de palhaço, pra te dominar/Tá fazendo tudo que eu mando/Achando que logo vai me ter/Mas no fundo eu só tô brincando com você/Poderosa, eu sou quase um anjo/Hipnose, já ganhei você/Nesse jogo vamos ver quem é que vai vencer/Toda produzida/Ah! Te deixo quente/Meiga e abusada, faço você se perder/E quem foi que disse que eu estava apaixonada por você?/Eu só quero saber!/Linda e perfumada, ah!/Na tua mente/Faz o que quiser comigo na imaginação/Homem do teu tipo eu uso/Mas se chega lá eu digo não/Eu sempre digo não...

Não Para

Anitta

Hoje cê pode chegar que eu tô querendo/Cê pode até só olhar, mas hoje eu quero, vem/Aproveita que hoje eu tô querendo/Pode chegar e não para/É só por hoje que eu estou querendo/A gente pira, se acaba, vai descendo, vem/Se tu aguenta, descobre o meu talento/Pode chegar e não para/Viu? Eu vim pra ficar/Abre pra eu passar/Vai ter que respeitar/Não para, não/Vai, não para, não para, não/Vem, que a gente vai mostrar para o que

veio/Vem, que a gente vai mostrar para o que veio/Vem, que no final a gente chega e pega fogo/Pode chegar e não para...

Provocar

Anitta

Sei que te provoco quando passo de shortinho/Muito debochada passo de short bem curtinho/Pode me olhar tô nem aí/Que hoje eu quero me divertir/Pode me olhar/Só não pode tocar/Que a cobra é venenosa/Cuidado pra não se machucar/Pode me olhar/Sei que você pira Demais/Eu vou descer até o chão/Te deixar bem loucão/Pra te provocar/Eu vou descer até o chão/Sou uma menina/Não sou mais criança não/Vou te provocar

Show Completo

Anitta

Agora diz que me quer/Se liga, sai do meu pé/Se pensa em me convencer/É melhor nem tentar/Já teve a chance/Não deu/Tentou a sorte/Perdeu/Bateu saudade?/Então fecha os olhos pra lembrar/Olha, deseja mas não chega perto/Não perde a linha/Tenta ser discreto/Você não faz do jeito que eu quero/Eu gosto é do show completo/Quem foi que disse/Que pegava forte?/Que eu tinha sorte?/Que era só mais uma pra sua coleção?/Quem foi que disse?/Agora eu quero ver/Você me esquecer/Aprende a lição.